

PERCURSOS E DESAFIOS DA CRÍTICA E DA PESQUISA DE ARTE VISUAL NO BRASIL

Maria Amélia Bulhões

Viemos para cá para rir ou para chorar, estamos para nascer ou estamos para morrer?

Carlos Fuentes

Considerando Arte como o segmento específico das práticas simbólicas, socialmente definido como tal, e historicamente determinado, e a Crítica como a tarefa de apreciação e análise de obras, com vistas à emissão de julgamento de valor e à difusão de informação ao público, objetivando despertar seu interesse sobre as mesmas, pode-se afirmar que o incremento da pesquisa nessa área, nos últimos anos, tem estabelecido novos paradigmas de atuação, pois, “para além do gosto em si, a crítica vai junto com a teoria, do mesmo modo que a teoria chama sempre a crítica” (CHATEAU-LADMIRAL, 1996,p.9)

Partindo dessa premissa, podem-se analisar as profundas alterações que definiram um novo perfil da crítica de arte no Brasil. Nos últimos 15 anos, passou-se de uma predominância literária, em que a formação autodidata era usual, para uma predominância de análises baseadas em estudos teóricos avançados, com uma forte presença de especialistas, com formação universitária especializada. Pode-se dizer que, até o final da década de 80, Walter Zanini, Aracy Amaral e Mario Barata eram, talvez, os únicos críticos de projeção nacional com esse tipo de formação e atuantes em universidades. Hoje, em um levantamento superficial, destacam-se nomes como Nelson Aguilar, Tadeu Chiareli, Annateresa Fabris, Lisbeth Rebolo, Sergio Duarte, Rodrigo Naves, Icleia Cattani, Fernando Cochiaralli, Agnaldo Farias, Celso Favaretto, Maria Alice Milliet, Kátia Canton, Sonia Salstzen

e muitos outros, mestres ou doutores, integrando cursos de pós-graduação e envolvidos com a atividade de pesquisa na área. Para melhor compreender como se processam essas mudanças e quais suas repercussões, faz-se necessário analisar as transformações qualitativas e quantitativas que marcaram de forma profunda a crítica de arte no país.

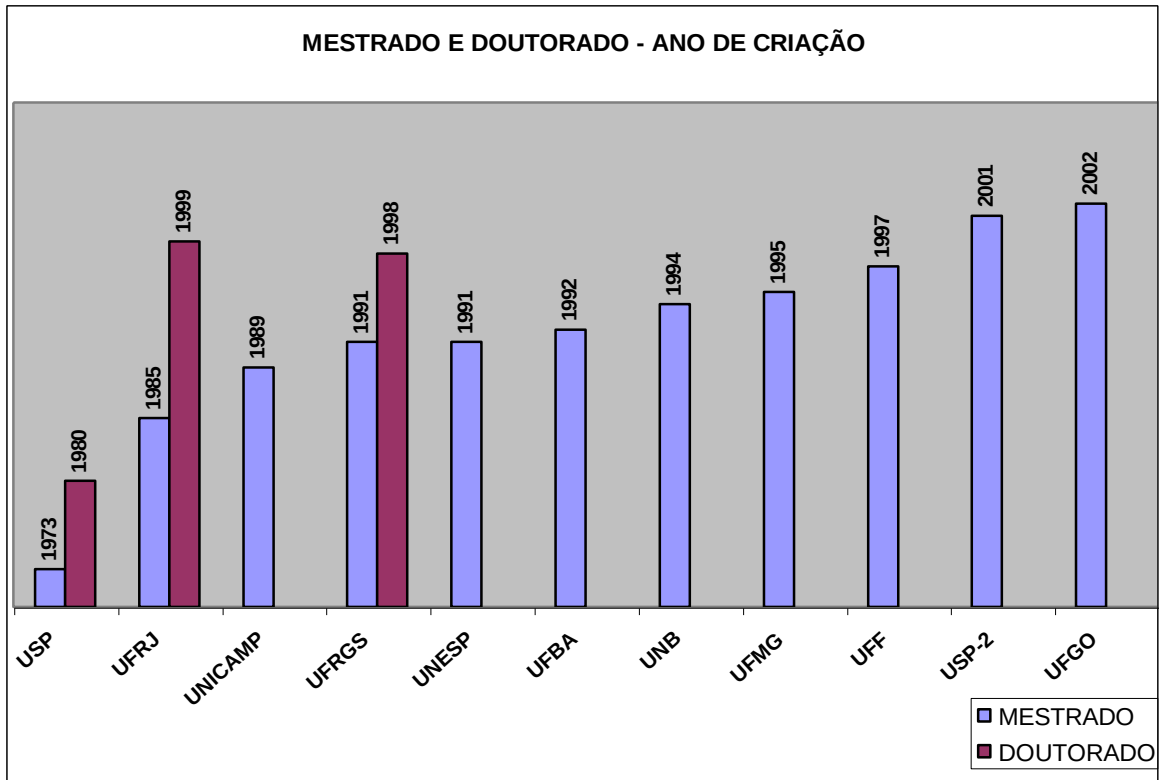
As relações entre crítica e pesquisa foram fundamentais nesse processo de mudanças, pois se a primeira difunde informações sobre a Arte para o público não especializado, buscando a adesão dos mesmo a essa produção, a pesquisa é que subsidia a elaboração desses conteúdos, constituindo o campo específico e autônomo de conhecimentos, que caracteriza essa prática no mundo contemporâneo. Por outro lado, se a Crítica elabora juízos de valor sobre as obras, ela necessita de informações sistematizadas, fornecidas pela pesquisa acadêmica para fundamentar seu trabalho valorativo.

Os espaços da Crítica e da pesquisa não são necessariamente os mesmos. A primeira atua, predominantemente, nos meios de comunicação: periódicos rádio e televisão; a segunda se aloca na Universidade, mais especificamente nos cursos de Pós-Graduação. Entretanto, ambas se cruzam nas instituições museológicas, nos espaços expositivos. O crítico pode ter a exposição tanto como resultado de seu trabalho curatorial ou como objeto de sua análise textual, e o pesquisador pode tê-la tanto como objeto como resultado de estudos. Assim, cada uma dessas atividades tem sua especificidade, mas de suas correlações, principalmente nesses âmbitos comuns definem as inúmeras mudanças que se observam atualmente. Essa estreita colaboração veio dar à crítica um reforço profissional, pois ‘O rigor de análise é muitas vezes percebido como um ataque ao sistema como um todo; nessas condições, o ‘crítico crítico’ não encontra, muitas vezes, veículos nos quais

expressar suas opiniões; e ao público chegam apenas as vozes consensuais às quais a mídia dá espaço. Vêm-se, assim, os problemas éticos e, também, de abertura aos debates que se colocam. As universidades talvez sejam, atualmente, dos poucos espaços onde a verdadeira crítica pode se exercer livremente.”(CATTANI, 2002, p. 46)

Nas universidades, é onde se aloca praticamente toda a pesquisa de ponta realizada no país, e o setor de pós-graduação tem sido o mais especialmente dedicado à tarefa de desenvolver investigações sistemáticas e documentadas, capazes de gerar conhecimentos transferíveis. O que se percebe é que, no Brasil, onde o sistema das artes visuais se inaugurou tardiamente (em meados do séc. XIX, com a instalação da Real Academia de Belas Artes), ele foi se consolidando gradualmente, com deficiências e especificidades decorrentes desse processo adaptativo. Somente a partir da década de 90, foi que as universidades, em especial a pós-graduação, constituíram-se em pontos de encontro privilegiados da pesquisa com a crítica.

Observando alguns dados desse setor, pode-se constatar seu progressivo fortalecimento nesse período. Pois, se até o início da década de 90, havia no país dois cursos de mestrado e um de doutorado, no início de 2003, já há onze mestrados e três doutorados. Cada curso gerou-se a partir da história da própria instituição a que pertence, considerando suas especificidades regionais e de seu corpo docente. A Universidade de São Paulo conta, atualmente, com dois cursos na área. O primeiro, o mais antigo no país, com mestrado e doutorado, é de Artes, e dispõe de área de concentração em Artes Cênicas, Artes Plásticas e Musicologia. O segundo, um dos mais recentemente criados, é de mestrado em Estética e História da Arte, e não apresenta diversidade de áreas de concentração. A Universidade Federal do Rio de Janeiro oferece curso de mestrado e doutorado em Artes Visuais, com as seguintes áreas de concentração: Antropologia da Arte, História e Crítica da Arte e Linguagens Visuais. As Universidades Estaduais de Campinas e São Paulo contam ambas, com cursos de mestrado em Artes, com áreas de concentração em Música e Artes Visuais. As Universidades Federais do Rio Grande do Sul e da Bahia têm cursos de Artes Visuais, com áreas de concentração em Linguagens Visuais e Teoria e História da Arte. A primeira, com mestrado e doutorado, e a segunda, com mestrado. A Universidade Nacional de Brasília apresenta curso de mestrado em Artes, com áreas de Arte Contemporânea e Novas Tecnologias. A Universidade Federal Fluminense inclui um curso de mestrado em Ciências da Arte, e a Universidade Federal de Goiás um mestrado em Cultura Visual. O gráfico abaixo evidencia com clareza o astronômico crescimento desse setor nas universidades brasileiras a partir do final dos anos 80.



O número de doutores atuantes nesses programas também cresceu muito. Se, nos anos 80, esse tipo de formação era exceção, hoje constitui a regra. Nos cursos de pós-graduação estrito sensu, credenciados pela CAPES, atuam somente doutores e, para se ter uma idéia desse número, os seguintes dados relativos aos docentes podem auxiliar: PPG em Artes da USP, 62; PPG em Artes Visuais da UFRJ, 19; PPG em Artes Visuais da UFRGS, 14; Mestrado em Artes da UNICAMP, 37; Mestrado em Artes da UNESP, 34; Mestrado em Artes Visuais da UFBA, 12; Mestrado em Artes da UNB, 10; Mestrado em Ciências da Arte da UFF, 18; Mestrado em Cultura Visual da UFGO, 8: Mesmo considerando que, em alguns cursos, encontram-se computadores professores de música, teatro, dança e cinema, há muitos doutores formados na área e muitos mais ainda estão em formação. Isso representa um significativo aumento do número de pessoas envolvidas em atividades de pesquisa, seja como professores e orientadores, seja como alunos e orientandos. Como estão todos eles preparados e estimulados para a prática da pesquisa, tem-se um espectro de resultado de trabalhos muito amplo. Gerou-se, em decorrência dessa atividade, uma quantidade de estudos até então inimaginável, passando a ser melhor documentada e avaliada a memória artística local e a construir-se um debate teórico mais fundamentado.

O enorme crescimento da pós-graduação na área de Artes Visuais, em um país como o Brasil, com grandes disparidades, isolamento regional e forte centralização de todos os setores no eixo Rio-São Paulo, a elaboração e a implementação de propostas de interação desenha-se como uma antiga aspiração. Evidencia-se, entretanto, como de difícil implantação, devido principalmente à extensão territorial do país, mas também ao estado emergente da área.

Desde o I Fórum de Coordenadores de Pós Graduação em Artes Visuais, realizado em 1991, no Rio de Janeiro, algumas propostas vêm sendo apresentadas e discutidas suas possibilidades de implementação. Entre elas, destacam-se as seguintes:

Estabelecer contatos entre os cursos através da manutenção, por parte de cada um, de um Boletim para distribuição comum a todos. Nos Boletins poderiam ser divulgados seminários, defesas de dissertação, professores visitantes e outros eventos a fim de que os interessados possam entrar em contato para trabalhos conjuntos.

Criar estratégias para implementar trocas de exemplares das dissertações defendidas, trocas de exposições ligadas às pesquisas dos professores ou dissertações de alunos, trocas de publicações. Estimular a participação de professores dos diferentes cursos nas bancas de dissertação de outros cursos, o que reforçaria a circulação de informações. Além da participação nas bancas, os professores visitantes poderiam proferir conferências ou cursos intensivos. Esse tipo de prática, além de estabelecer uma dinâmica de contatos, dentro da área no país, promoveria o estabelecimento de patamares comuns de avaliação.

Organizar seminários de pesquisa, possibilitando a apresentação de trabalhos, não só as produções individuais de cada pesquisador, mas as linhas gerais de cada curso. Seriam momentos de confrontações, para levantar tendências, pontos de contato e abrir possibilidades de intercâmbio e desenvolvimento de projetos integrados ou grupos de pesquisa inter cursos. A partir das apresentações dos projetos de pesquisa em andamento em cada curso, incentivar o intercâmbio entre os pesquisadores, as trocas e os trabalhos conjuntos. Essa prática saudável é desenvolvida em muitas áreas em que a pesquisa tem mais tradição.

Grandes esforços coletivos são exigidos nesse tipo de tarefa, mas elas oferecem possibilidades de resultados enormemente benéficos. As instituições associativas da área podem desempenhar também um papel decisivo nesse processo. Originadas basicamente como estratégia para aglutinar interessados, elas foram importantes pólos de integração, principalmente considerando a imensa extensão territorial do país e suas diferenças geográficas. A primeira dessas instituições foi criada em 1949, a Associação Brasileira de Críticos de Arte; a segunda foi o Comitê Brasileiro de História da Arte, de 1972. Essas duas primeiras se originaram de manifestações similares já existentes, constituindo-se como núcleos nacionais de suas congêneres internacionais. Outras instituições, como a ANPAP-Associação Nacional Pesquisa em Artes Plásticas, de 1987, (que congrega individualmente pesquisadores de História da Arte, Curadoria, Poéticas Visuais, Preservação e restauro e Museologia) e a ANPPAV-Associação Nacional de pesquisa e Pós-Graduação em Artes Visuais, de 1996, (que congrega os diferentes cursos de pós-graduação estrito sensu atuantes na área no país) têm caráter nacional e se dedicam especificamente ao estímulo, incremento e difusão da pesquisa. Atualmente, essas diversas associações se encontram desarticuladas, muitas vezes sobrepondo esforços com resultados aquém dos desejados. Urge uma rearticulação que, superando interesses pessoais ou regionais, integre a área no país. A criação de sites pode ser um importante passo nesse processo; entretanto, grandes esforços precisam ainda ser realizados para a concretização de tal iniciativa.

A organização de diferentes encontros nacionais, congregando os diversos setores da área, é uma tarefa que necessita ser assumida coletivamente por todas as associações, pelos pesquisadores e pelos programas de Mestrado e Doutorado no país. O crescimento que uma atuação integrada pode oferecer é muito maior e permanente do que aquele obtido individualmente. A clareza da importância dessa integração precisa ser alimentada continuamente, pois somente ela pode fortificar a comunidade científica no âmbito universitário, dando-lhe respeitabilidade como campo específico de conhecimento.

Como estratégia de conexão, as publicações são decisivas e, sem demandar necessariamente uma ação mais integrada, podem unir esforços. Atualmente, praticamente todos os cursos de pós-graduação em Artes dispõem de algum tipo de periódico, onde difundem as pesquisas de sua equipe e de outros investigadores nacionais e internacionais. A revista,

Comunicação e Artes, da USP, criada em 1970, é a mais antiga. Ela envolve as diferentes áreas artísticas de seu curso. Revista *Gávea*, da PUC/RJ, criada em 1985, foi a primeira a abordar somente temas de artes visuais, tornando-se a mais tradicional e considerada. Infelizmente, encontra-se atualmente suspensa. A revista *Porto Arte*, da UFRGS, criada em 1990, aborda somente artes visuais, mantendo uma regularidade bastante excepcional, encontrando-se na edição número 20. A revista *Arte & Ensaio*, da UFRJ, criada em 1994, dedica-se também somente às artes visuais. A revista *História da Arte e Arqueologia*, da UNICAMP, criada em 1994, pertence ao curso de História e apresenta artigos de história da arte. Os *Cadernos de Pós-Graduação*, da UNICAMP publicação, criada em 1997, apresentam artigos das diferentes áreas do curso. A Revista *Arte Brasil*, da UNESP, criada com data de criação em 1998, também atende a diferentes áreas, correspondendo aos interesses do curso a que pertence. A revista *Cultura Visual* da UFBA, com início em 1998, dedica-se somente às artes visuais. A UNB criou em 1999 a revista virtual, VIS, a primeira do gênero on-line entre as revistas universitárias, e, posteriormente, em 2000, os *Cadernos de Arte*. Essas diversas publicações se dedicam à divulgação de artigos resultantes de pesquisas; podem ser importantes espaços de atualização, entretanto, enfrentam uma difícil barreira a superar. Infelizmente, as revistas universitárias nessa área não encontraram ainda um viés eficiente de distribuição, capaz de superar o isolamento regional de sua circulação.

Quanto à publicação de livros, o que se pode observar é um crescente incremento na área, tanto por parte das tradicionais editoras atuantes no mercado pelas editoras universitárias que abriram espaços nesse setor. Esse fenômeno decorre, possivelmente, da crescente demanda de consumo, constituída pelos estudiosos, professores e alunos da pós-graduação, que tanto incremento recebeu no país. Entretanto, a publicação de títulos nessa área ainda é infinitamente menor se comparada a qualquer outro segmento de conhecimento disponível nas livrarias. O problema do alto custo das publicações com imagens costuma ser seguidamente levantado. Ele omite o fato de que livros com muitas imagens e excelente qualidade gráfica ainda são publicados, nessa área, com textos pouco importantes, servindo somente de publicidade comercial para artistas e galerias; e que textos que poderiam ser publicados sem imagens, pois não as demandam necessariamente, são relegados em termos de publicação por serem excessivamente acadêmicos. É importante destacar duas grandes lacunas que permanecem problemáticas para a área. Em primeiro lugar, a dificuldade de circulação nacional das publicações, uma vez que o mercado brasileiro de livros permanece centrado no eixo Rio - São Paulo e sem uma real articulação com as diferentes regiões do país, tendência em que é mais evidente na produção das editoras universitárias. Em segundo, o fato de que importantes lançamentos de obras em língua estrangeira demoram muito a serem traduzidas no Brasil. Não há um real interesse em atualização dos repertórios das editoras internacionais nessa área, como se observa em outras, como Literatura e mesmo Medicina.

As deficiências de publicação se evidenciam na pobreza das bibliotecas específicas de Artes Visuais. Não havendo uma política de constituição de acervos especializados, não pode haver consolidação da área de conhecimento, uma vez que esse é um ponto-chave na qualificação dos estudos. Como trabalhar sem acesso a uma bibliografia básica e atualizada que permita acompanhar as descobertas e o debate em nível nacional e internacional? Como formar críticos e pesquisadores sem a leitura indispensável de inúmeras obras de fundamentação? Muito esforço deve ser feito nesse sentido, para superar a atual condição de trabalho, em que cada pesquisador deve manter seu acervo particular de livros, com ônus econômico pessoal, sem que haja uma distribuição social dos recursos. A qualificação de bibliotecas setoriais em universidades, centros culturais e museus é indispensável, principalmente porque somente nesses locais se classificam os catálogos de exposição, objeto indispensável para os estudos na área.

Considerando as imensas possibilidades que as novas tecnologias comunicacionais colocam à disposição dos pesquisadores, os sites de dados sobre a produção artística no país podem ser uma possibilidade de articulação de conhecimentos. Os sites possibilitam a visualização de grande quantidade de imagens coloridas sem grandes custos. Esse tipo de recurso é muito importante frente à exigüidade das publicações nessa área no Brasil e sua dificuldade de circulação. As novas tecnologias podem e devem ter seu uso intensificado, não só pelos artistas, mas principalmente por estudiosos e críticos. Alguns deles, abaixo listados, podem ser úteis para informação dos interessados.

Artistas Contemporâneos Brasileiros
<http://www.artbonobo.com/contemporaneos/welcome.html>
Itau Cultural
<http://www.itaucultural.org.br/>
ArtBr
<http://www.artbr.com.br/>
Registro de exposições:
http://www.universes-in-universe.de/america/bra/p_aus.htm
Museu Virtual de Arte Brasileira
<http://www.museuvirtual.com.br/>
Web Arte no Brasil:
<http://webartenobrasil.vilabol.uol.com.br/biblio.htm>
ArtNet
www.artenet.com.br
Web Brasil
www.webbrasil.com.br

Esse instrumento, entretanto, não afasta a necessidade de contato direto com as obras, que somente as exposições e os acervos museológicos possibilitam. Aliás, esse é o espaço-chave de cruzamento entre pesquisa e crítica. A ampliação do número de museus e de acervos qualificados à disposição de especialistas é um dos importantes desafios para o desenvolvimento dessa área de conhecimento. A falta de uma memória documentada dificulta tanto o desenvolvimento de estudos sistemáticos quanto o estabelecimento de critérios para a emissão de juízo de valores. Como pensar em estudos de artes visuais sem acesso às obras? Como pensar em uma história da arte local sem a constituição de acervos públicos? Como criar parâmetros socialmente reconhecidos e culturalmente válidos sem coleções que dormem o olhar do público e de especialistas? Como viabilizar novas abordagens das obras, que fujam às classificações gestadas em ambientes culturais diversos, portanto incapazes de darem conta das especificidades da produção artística aqui realizada, sem contatos diretos e permanentes com essa produção? Portanto, participar na criação de museus, na organização de seus acervos e na definição de suas linhas de atuação e na manutenção de equipes técnicas qualificadas é uma das importantes tarefas dentro do processo de consolidação da área.

Finalizando esta análise, pode-se identificar a necessidade de vivenciar a Área de Artes Visuais como um todo, aprofundando as relações entre pesquisa e crítica em uma atuação pluralista que, vencendo a pulverização, estabeleça trocas de informação e confira visibilidade nacional e internacional aos trabalhos realizados. Os efeitos dessa integração devem repercutir na atuação profissional da crítica, criando interesse do público pelas obras, sustentado em sólidos conhecimentos específicos. Na área de Literatura, com uma tradição acadêmica muito mais forte,

essa integração apresenta resultados profundos no desenvolvimento do meio literário, repercutindo na distribuição e consumo dessa produção. Na área de Artes Visuais, o afastamento preconceituoso da crítica em relação à pesquisa está sendo superado. O trabalho sério e competente dos críticos de inserção acadêmica elencados no início deste texto, e de muitos outros, atesta as inúmeras possibilidades abertas nesse campo.

Dentro deste panorama; grandes desafios se colocam, exigindo uma ação pluralista. O primeiro, e talvez mais fácil de alcançar, por envolver estruturas institucionais organizadas, é a integração entre os cursos, potencializando recursos e otimizando resultados. O estabelecimento de processos permanentes de avaliação de resultados e da dinâmica de crescimento continuado possivelmente seja uma das estratégias mais eficientes. O segundo é a superação das deficiências de publicações, desenvolvendo políticas editoriais que atendam de forma especial à distribuição e a divulgação. O terceiro, e possivelmente o mais complexo, que envolve a sociedade como um todo, é o combate à pobreza das bibliotecas especializadas, à falta de acervos iconográficos e centros de documentação, ao reduzido número de museus, e à inexistência de políticas sérias na constituição de seus acervos.

Assim, parafraseando Montaigne que, ao final de seus *Essais*, escreveu: 'Não fiz meu livro mais do que meu livro me fez', pode-se dizer que críticos e pesquisadores não fazem mais sua área de conhecimento do que ela os faz. Pois, se uma área sólida somente se faz com a atuação dedicada de indivíduos competentes, quanto mais consistente for essa área, mais competentes indivíduos far-se-ão existir.

Referências Bibliográficas:

- BULHÕES, Maria Amélia, *Complexidades na consolidação de uma área de conhecimento*, in WANER, Maria celeste. Artes Visuais, pesquisa Hoje. Salvador, ANPPAV/UFBA, 2001
- CATANI, Icleia. *Arte contemporânea: o lugar da pesquisa*, in BRITES-TESSLER, Blanca-Elida. O meio como ponto zero. Poro Alegre, EDUFRGS, 2002
- CHATEAU-LADMIRAL, Dominique, J.R. Critique & théorie. Paris, L'Harmattan, 1996